

Facções criminosas gaúchas passam a atuar como milícias no meio rural

Aumenta o volume de roubo de gado e de fertilizantes no interior do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que se constata repasses de porcentagens a facções

Cid Martins

9 de setembro de 2021

DIVULGAÇÃO: PCRS



Operação Recoluta, deflagrada pela Delegacia de Polícia Especializada na Repressão aos Crimes Rurais e Abigeato, em Canguçu, no Rio Grande do Sul

Uma reportagem da *Rádio Gaúcha* e do site *GZH*, a partir de um trabalho em conjunto com os colegas Pedro Alt e Humberto Trezzi, foi determinante para ampliar a investigação da Polícia Civil em torno de um fato novo no Rio Grande do Sul: as milícias rurais.

Tudo surgiu após o registro de uma operação policial no primeiro semestre do ano e outra no dia 16 de agosto, a primeira em Barra do Quaraí e a outra em Cacequi. Em ambos os casos, ficou claro o poder ofensivo das facções criminosas, verdadeiras empresas que atuam no tráfico de drogas e armas, sempre ampliando a área de ação, bem como os ramos de atividades. Se, na pandemia, migraram para a telentrega de entorpecentes, uma vez que as pessoas não estavam saindo de casa, por que não poderiam expandir os negócios ilícitos para o meio rural?

A reportagem da *ZH* e da *Rádio Gaúcha* ouviu a polícia, que trabalha no combate ao abigeato e crimes rurais, mas também o Departamento de Investigações do Narcotráfico e, principalmente, ruralistas. E a primeira questão verificada foi o fato de que as facções, que já têm setores para o roubo de cargas, principalmente cigarros, também estão se expandindo no campo. Mas, prestem a atenção: expandindo.

Se há muito tempo ocorria o roubo de gado e roubo geral em fazendas, para consumo próprio dos ladrões, na década de 90 o crime passou a ser organizado, segundo as autoridades de segurança. Foi aí que entrou em cena o receptor - ou seja, a carne e

também os fertilizantes furtados ou roubados tinham destino certo. Alguns bandidos já agiam sob encomenda. Na década passada, com as facções já agindo como verdadeiras organizações criminosas nas cidades, o campo era uma questão de tempo.

Foi aí que aumentou o roubo de gado e de fertilizantes, basicamente com os mesmos receptadores, mas o ladrão passou a repassar porcentagem ou a integrar facções. Tudo isso para capitalizar, assim como o roubo de cargas e carros, o tráfico de armas e drogas. Um delegado informou que "quando havia uma dívida grande e os traficantes literalmente se apertavam, recorriam a roubos para quitar os débitos com fornecedores".

Os casos começaram a ocorrer com maior frequência a partir de 2015, principalmente no Sul, Campanha e noroeste gaúcho. A Polícia Civil, que tinha uma força-tarefa, criou em 2018 a Delegacia Especializada em Crimes Rurais e Abigeato, a chamada Decrab, com base em Bagé e coordenada pelo delegado André Mendes.

Várias operações foram feitas, com prisões e apuração de lavagem de dinheiro. Mas um fato chamou a atenção de Mendes. A partir do final do ano passado, os crimes começaram a ficar mais violentos. E, mais ainda, integrantes de facções passaram a sair de Pelotas, por exemplo, para ir até Herval, cerca de 145 quilômetros, apenas para furtar objetos, como painéis, de uma propriedade rural. Foi aí que a polícia confirmou a ação de milícias, ou seja, literalmente causando terror entre as pessoas que moram no campo.

Logo após os roubos, as vítimas eram acionadas por empresas de vigilância. Os serviços de monitoramento e segurança privada eram realizados nada mais e nada menos pelos próprios integrantes da organização criminosa. Mendes relata que, quem não aceitava, era coagido e assaltado novamente. As empresas estavam em nome de laranjas. Em alguns casos, como uma de Capão do Leão, estava no nome da esposa de um dos integrantes da facção que foi preso na semana passada em uma operação policial no Sul do Estado.

Mendes identificou 18 roubos e 10 furtos desde dezembro de 2020 em 15 municípios do Sul e Campanha. Em todos os casos de roubo, as vítimas foram ameaçadas, colocadas em uma peça da casa — como o banheiro — mediante cárcere privado. Em alguns casos houve agressões e disparos de arma de fogo. E, o mais curioso ainda, em todos os 28 fatos houve oferta de serviço de vigilância logo após os furtos ou roubos. Mas os crimes não param por aí, pois há indícios destas milícias em outras regiões e a investigação continua. Também porque havia 16 suspeitos com mandado de prisão, sendo que quatro seguem foragidos.

Em contato com ruralistas, a reportagem notou que muitos estão temerosos e tentam desconversar, o que é compreensível pelo fato de que foram agredidos, assaltados e ameaçados. Alguns pagaram pelo serviço de vigilância para evitar maiores confusões, mas boa parte criou coragem e procurou a polícia, desde que os nomes fossem preservados. Em contato com a Farsul, Federação dos Sindicatos de produtores rurais no Rio Grande do Sul, a informação é de que o crime é preocupante e que os filiados estão colaborando com as investigações. Um produtor ainda ressaltou o seguinte: "Da porteira para dentro quem cuida destas questões somos nós". Fato que também é motivo de apuração policial por causa do temor de se criar grupos de seguranças particulares, mas que não são de empresas especializadas, o que pode gerar confrontos no meio rural. Os agricultores e criadores de gado apenas disseram que estes "seguranças" só são acionados para que alertas possam ser dados e evitar os roubos.

Por fim, a polícia segue investigando e o Departamento de Investigações do Narcotráfico, o Denarc, descobriu outro fato. Facções passaram a arrendar ou a comprar mesmo fazendas e sítios nas fronteiras com Uruguai e Argentina, bem como na divisa com Santa Catarina, para armazenar drogas. As grandes quantidades que chegam no Estado são guardadas nestes locais e depois fracionadas, sendo distribuídas aos poucos e em quantidades menores para os pontos de tráfico. O objetivo é não chamar a atenção das autoridades e evitar maiores prejuízos. As áreas são colocadas em nome de laranjas. Até mesmo cultivos em estufas começaram a ser feitos em áreas rurais. O Denarc está averiguando se os casos registrados são atípicos ou se é mais uma investida das facções criminosas.

Cid Martins

Repórter da Rádio Gaúcha e professor de jornalismo da Uniritter.

<https://fontesegura.org.br/multiplas-vozes/xqkr78gx4f>

